

O METODO DIALÉTICO

George Politzer, Guy Besse e Maurice Caveing

Trecho do Livro **Princípios Fundamentais de Filosofia**, publicado por Guy Besse e Maurice Caveing, que foram discípulos de Georges Politzer e acompanharam seu curso de materialismo dialético, na Universidade Operária. Obra que se apoia na sua obra original e na experiência dos ensinamentos filosóficos, consideram – em comovente homenagem ao herói e mártir Politzer – que o seu nome, neste livro, figurasse antes daqueles que o redigiram. **Primeira publicação:** Junho de 1946. **Publicado no Brasil** 1970 pela Editora Hemus – Livraria Editora LTDA



George Politzer

O materialismo dialético é assim chamado porque sua maneira de considerar os fenômenos naturais, seu método de investigação e de conhecimento são dialéticos; sua interpretação sua concepção os fenômenos da natureza, sua teoria são materialistas. [Stalin. II, pág. 3.]

I. Que é método? – Entende-se por método o caminho pelo qual se atinge um fim. Os maiores filósofos, como Descartes, Spinoza, Hegel, estudaram atentamente os

problemas do método, porque estavam empenhados em descobrir o meio mais racional para atingir a verdade. Os marxistas querem ver a verdade de frente, para além das aparências imediatas, para além das mistificações: o método tem, pois, também para eles, uma importância muito grande. Somente um método científico lhes permitirá elaborar essa concepção científica do mundo, necessária à ação transformadora, revolucionária.

A dialética é, pois, o único método rigorosamente adequado a uma concepção materialista do mundo.

As lições que se seguem, neste trabalho, serão consagradas ao método dialético. Convém, entretanto, que, para tanto, nos preparemos com uma introdução. Introdução que será facilitada por uma comparação entre o método dialético (que é científico) e o método metafísico (que é anticientífico).

II. O Método Metafísico

a) *Suas características*

Compramos um par de sapatos amarelos. Ao fim de certo tempo, depois de muitos consertos, troca de solas, saltos, substituição de outras peças et., dizemos ainda: vou calçar os sapatos amarelos sem percebermos que já não são mais os mesmos. Esquecemo-nos das modificações sofridas pelos sapatos e a eles nos referimos como se não tivessem sofrido modificação alguma, como se permanecessem idênticos.

Este exemplo vai-nos ajudar a compreender o que o método metafísico. Segundo expressão de Engels, o método metafísico considera as coisas como feitas em definitivo, como imutáveis. [Engels. I. pág.35; II, pá'g.46.] Escapam a ele o movimento e, bem assim, as causas da modificação.



George Politzer

O modesto par de sapatos ficará bem longe, para trás e já não nos servirá de exemplo quando fizermos um estudo histórico da metafísica. Mostremos, simplesmente, que a palavra metafísica vem do grego *meta* (que se pode interpretar como significado para além) e *física* (Ciência da natureza). O objeto da metafísica, principalmente para Aristóteles, era o estudo do ser, que se encontra para além da natureza. Enquanto a natureza é movimento, o ser do além (ser sobrenatural) é imutável, eterno. Alguns o chamam de Deus, outros, o Absoluto. Os materialistas, que se apoiam exclusivamente na ciência, consideram esse ser como imaginário. Mas, como os gregos antigos não podiam explicar o movimento, pareceu, necessário, a alguns de seus filósofos, estabelecer, para além da natureza em movimento, um princípio eterno.

Quando falamos em método metafísico estamos, com essa expressão, querendo significar um método que ignora ou desconhece a realidade do movimento e da transformação. Não ver que os sapatos já não são os mesmos é uma atitude metafísica. A metafísica ignora o movimento, em favor do repouso, a transformação, em favor do idêntico. “Nada há de novo sob o sol”, diz ela. Acreditar que o capitalismo é eterno, é racionar metafisicamente; acreditar que os males e os vícios (corrupção, egoísmo, crueldade etc.), engendrados e mantidos entre os homens pelo capitalismo, existirão sempre, também é metafísico. Para o metafísico, o homem é eterno, logo, é imutável.

Por quê? Porque separa o homem do seu meio, a sociedade. O metafísico diz: “De um lado o home, do outro, a sociedade. Se destruídes a sociedade capitalista, tereis uma sociedade socialista. E então? O homem continuará sendo o homem.” Com isso atingimos o segundo traço da metafísica: separar arbitrariamente, o que é inseparável, na realidade. O homem é, com efeito, um produto da história das sociedades: o que ele é não se realiza fora da sociedade, mas por intermédio dela. O método metafísico separa, arbitrariamente, o que está unido na realidade. Ele classifica as coisas em definitivo. Ele diz, por exemplo: de um lado a política, do outro, o sindicato. É verdade que a política e o sindicato são duas coisas. Mas, a experiência de vida nos mostra que, política e sindicato, nem por isso, são menos inseparáveis. O que se passa no sindicato influi sobre a política; inversamente, a atividade política (Estado, partidos, eleições etc.) repercute no sindicato.

A preocupação de separar leva o metafísico, em todas as circunstâncias, a racionar assim: “uma coisa é, ou bem isto, ou bem aquilo. Ela não pode ser, ao mesmo tempo, isto e aquilo.” Exemplos: a democracia não é ditadura; a ditadura não é democracia. Donde um Estado é, ou bem democracia, ou bem ditadura. Mas, que nos ensina a vida? Ensina-nos que o mesmo Estado burguês (por exemplo, os Estados Unidos) é democracia para a minoria dos grandes financistas, que tem todos os direitos, todo o poder; é ditadura para a maioria, para os pequenos, cujos direitos são ilusórios. O Estado popular (por exemplo, a China) é ditadura em relação aos inimigos do povo, a minoria exploradora, escorraçada do poder pela violência revolucionária; é democracia para a imensa maioria, para os trabalhadores libertos da opressão.

Em resumo, o metafísico porque define as coisas em definitivo (elas continuarão sendo sempre o que são), e porque, ciosamente, as isola, é levado a por umas as outras, como absolutamente inconciliáveis. Ele não admite que dois contrários possam existir ao mesmo tempo. Um ser, diz ele, está vivo ou está morto. Parece-lhe inconcebível que um ser possa estar ao mesmo tempo, vivo e morto; entretanto, no corpo humano, por exemplo, a cada instante, novas células substituem as que morreram: a vida do corpo é, justamente, essa luta incessante entre forças contrárias.

Rejeição da transformação, separação do que é inseparável, exclusão sistemática dos contrários, eis as características do método metafísico. Teremos oportunidade de estudá-las nas lições que se seguem, cotejando-as com as características do método dialético. Desde já, entretanto, podemos pressentir os perigos de um método metafísico, na pesquisa da verdade e na ação sobre o mundo. A metafísica deixa escapar, infalivelmente, a essência da realidade, que é a mudança incessante, a transformação. Ela não quer ver senão um aspecto dessa realidade infinitamente rica, e toma uma das partes pelo todo, uma árvore pela floresta inteira. Ela não se amolda a realidade, como o faz a dialética, mas quer forçar a realidade vivente a se fixar nos seus quadros mortos. Tarefa destinada ao fracasso!

Conta uma velha lenda grega as proezas de um salteador, Procusto, que deitava as vítimas em um leito de pequenas dimensões. Se a vítima era muito grande, cortava-lhe as pernas para que, aos pedaços, ocupasse todo o leito. Assim são tratados os fatos pela metafísica. Mas, eles resistem...

b) Sua significação histórica

Antes de saber desenhar os objetos em movimento, é preciso aprender a desenhá-los imóveis. É, um pouco, a história da humanidade. Quando ela ainda não estava em condições de elaborar um método dialético, o método metafísico prestou-lhe grandes serviços.

O antigo método de pesquisa e de pensamento, que Hegel chama de metafísico, que se ocupava de preferência com o estudo das coisas consideradas como objetos fixos dados, e cujas sobrevivências continuam a perturbar os espíritos, tinham, no seu tempo, sua grande justificação histórica. Era preciso, primeiramente, estudar as coisas, antes de poder estudar os processos (isto é, os movimentos e as transformações). Era preciso, primeiro, saber o que era tal ou qual coisa, antes de poder observar as modificações que nela se operavam. Assim, aconteceu com as ciências naturais. A metafísica antiga, que considerava as coisas como feitas em definitivo, era o produto da ciência da natureza, que estudava as coisas, mortas ou vivas, como *imutáveis*. [Engels, I, pág. 35; II, pág.46.]

No início, a ciência da natureza não podia proceder de outro modo. Era preciso, primeiro, reconhecer as espécies vivas, distingui-las cuidadosamente umas das outras, classifica-las; um vegetal não é um animal, um animal não é um vegetal etc. Na física, do mesmo modo, foi preciso, primeiro, distinguir bem o calor, a da luz, a massa etc. para evitar confusões e se dedicar, para começar, ao estudo dos fenômenos mais simples. Assim é que, por muito tempo, a ciência não pôde analisar o movimento. Deu, pois, importância essencial ao repouso. Depois, quando surgiu o estudo científico do movimento (com Galileu e Descartes), a Física se dedicou, primeiramente, a mais simples e à mais acessível forma de movimento: a mudança de lugar.



Descartes

Mas, os progressos das ciências levaram à quebra dos quadros metafísicos.

Quando o estudo da natureza avançou tanto que o progresso decisivo se tornou possível, isto é, quando foi possível passar ao estudo sistemático das modificações sofridas pelas

coisas no seio da própria natureza, soou, no campo filosófico, o dobre de finados para a velha metafísica. [Engels, I, pág. 35; II, pág. 46]

III. O método dialético

a) *Suas características*

A dialética considerada as coisas e os conceitos no seu encadeamento; suas relações mutuas, sua ação recíproca e as decorrentes, modificações mutuas, seu nascimento, seu desenvolvimento, sua decadência. [Engels, III, pág. 392.]

A dialética, opõe-se, sob todos os pontos de vista, à metafísica. Não seque a dialética não admita o repouso e a separação entre os diversos aspectos do real. Ela vê, no repouso, um aspecto relativo da realidade, enquanto que o movimento é absoluto; considera, igualmente que toda separação é relativa porque, na realidade, tudo se relaciona de uma forma ou de outra, tudo está em interação. As leis da dialética serão estudadas nas lições que se seguem.

Atenta a todas as formas de movimento, não simplesmente à mudança de lugar, mas também, às mudanças de estado como, por exemplo, a água líquida transformando-se em vapor d'água, a dialética explica o movimento pela *luta dos contrários*. Esta é a mais importante lei da dialética; a ela serão consagradas as lições 5ª, 6ª e 7ª. O metafísico isola os contrários, considerando-os, sistematicamente, como incompatíveis. A dialética descobre que um não pode existir sem o outro, e que todo movimento, toda mudança, toda transformação são explicáveis pela luta dos contrários. Já mostramos no item II desta lição que a vida e forças de morte, vitória que a vida busca, sem cessar, alcançar sobre a morte, vitória que a morte disputa sem cessar a vida.

Todo ser orgânico, a cada instante, é e não é o mesmo; a cada instante assimila matérias estranhas e elimina outras; em cada instante perecem células de seu corpo, e outras se constituem; no fim de um tempo mais ou menos longo, a substância desse corpo foi totalmente renovada, foi substituída por outros átomos de matéria; assim, todo o ser organizado é constantemente o mesmo e, também, outro. Considerando as coisas mais atentamente,

veremos, ainda, que os polos de uma contradição, positivo e negativo, são tão inseparáveis quanto opostos e que, apesar de manterem todo o valor da antítese, eles se interpretam; veremos, paralelamente, que causa e efeito são representações que não tem valor como tal, senão quando aplicadas a um caso particular em sua conexão geral com o conjunto do mundo, as representações se fundem e se resolvem em face da ação recíproca universal, onde causas e efeitos se permutam continuamente; o que é efeito, agora, ou aqui, passa a ser causa, logo mais, ou em outro lugar, e vice-versa.

O mesmo acontece na sociedade; veremos que a luta dos contrários nela se dá sob a forma de luta de classes. A luta dos contrários é ainda o motor do pensamento.

b) Sua formação histórica

Aos filósofos gregos cabe o mérito de ter esboçado a dialética. Eles concebiam o mundo como um todo. Heráclito ensinava que esse todo se transforma: “jamais entramos no mesmo rio”, dizia ele. A luta dos contrários já tinha, para eles, muita importância, principalmente para Platão, que acentua a fecundidade dessa luta; os contrários se geram mutuamente. A palavra *dialética* vem diretamente do *dialegein*, que significa *discutir*. Exprime a luta de ideias contrárias.

Entre os mais vigorosos pensadores do período moderno, especialmente Descartes e Spinoza, encontram-se notáveis exemplos do raciocínio dialético.

Foi, porém, Hegel (1770-1831), o grande filósofo alemão, cuja obra se desenvolveu no período subsequente à Revolução Francesa, quem devia formular pela primeira vez, de forma genial, o método dialético. Admirador da revolução burguesa que, triunfando na França, pôs fim à sociedade feudal, que se supunha eterna, Hegel realizou uma revolução análoga no plano das ideias: destronou a metafísica e suas verdades eternas. A verdade não é um conjunto de princípios definitivos. É um processo histórico, a passagem de graus inferiores para graus superiores do conhecimento. Seu movimento é o da própria ciência, que não progride sob a condição de ser crítica incessante de seus próprios resultados, a fim de poder superá-los. Vemos, assim, que, para Hegel, o motor de toda a transformação é a luta dos contrários.

Entretanto, Hegel foi um idealista; o que equivale a dizer que, para ele, a natureza e a história humanas não eram mais do que uma manifestação, uma revelação da Ideia incriada. A dialética hegeliana era, pois, puramente espiritualista.

Marx (que foi, a princípio, discípulo de Hegel) soube reconhecer na dialética o único método científico. Mas, ele soube também, como materialista que era, coloca-la em seu devido lugar: repudiando a concepção idealista do mundo, segundo o qual o universo material é um produto da Ideia, ele compreendeu que *as leis da dialética são as do mundo material* e que, se o pensamento é dialético, é por que os homens não são alheios a esse mundo, mas fazem parte dele.

Para Hegel, escreveu Engels- amigo e colaborador de Marx- o desenvolvimento dialético, que se manifesta na natureza e na história, isto é, o encadeamento causal do progresso, impondo-se do inferior ao superior, através de todos os movimentos em ziguezague e de todos os recuos momentâneos, não é senão o reflexo do auto movimento pessoal da ideia, prosseguindo por toda eternidade, não se sabe onde, mas, em todo caso, independente de todo cérebro humano pensante. Esta era a intromissão ideológica que precisava ser evitada. Consideramos as ideias de nosso cérebro, do ponto de vista materialista, como sendo o reflexo dos objetos, em lugar de considerar os objetos reais como sendo o reflexo de tal ou qual grau da ideia absoluta. Assim, a dialética ficou reduzida à ciência leis gerais do movimento (tanto do mundo exterior, como do pensamento humano) a duas series de leis, idênticas no fundo, mas diferentes na sua expressão, no sentido que o cérebro humano pode ampliá-las conscientemente, quanto que, na natureza, e até o presente, também na maior parte da história humana, elas não encontram em seu caminho senão de modo inconsciente, sob a forma da necessidade exterior, no seio de uma serie infinita de acasos aparentes. Por isso, a dialética da própria ideia não é mais do que um simples reflexo consciente do movimento dialético do mundo real, e assim sendo, a dialética de Hegel foi posta de cabeça para cima, ou mais exatamente, ela foi recolocada sobre os pés. [Engels, I, pág. 33-34; II, pág. 44.]

Em resumo, Marx rejeitou o invólucro idealista do sistema hegeliano, para manter o núcleo racional, isto é, a dialética. Ele mesmo o diz claramente no segundo prefácio do *Capital* (janeiro de 1873):

Meu método dialético, não só difere basicamente do método hegeliano, como também é, exatamente, o oposto dele. Para Hegel, o movimento do pensamento, que ele representa sob o nome de ideia, é o demiurgo da realidade, que, por sua vez, não é mais do que forma fenomenal da ideia. Para mim, ao contrário, o movimento do pensamento não é senão o reflexo do movimento real, transportado e transposto para o cérebro do homem.

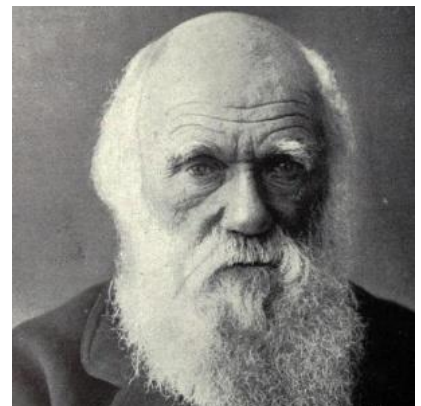
De que modo Marx e Engels foram levados a essa modificação decisiva? A resposta está em suas obras. Foi o impulso das ciências da natureza, nos fins do século XVIII, e nas primeiras décadas do século XIX, que os levou a pensar que a dialética tem um fundamento objetivo.

Três grandes descobertas tiveram, a respeito disto, um papel determinante:

1) A descoberta da célula viva, a partir da qual se desenvolvem os mais complexos organismos;

2) A descoberta da transformação da energia: calor, eletricidade, magnetismo, energia química etc. são formas qualitativamente diferentes da mesma realidade material;

3) O transformismo de Darwin. Apoiando-se em dados da paleontologia e da pecuária, o transformismo mostrou que todos os seres vivos (entre eles se incluindo o homem) são produtos de uma evolução natural. [Darwin: *A Origem das Espécies*, 1859.]



Darwin

Essas descobertas, bem como o conjunto das ciências do tempo (por exemplo, a hipótese de Kant e de Laplace, que explica o sistema solar a partir de uma nebulosa; ou, ainda, o aparecimento da Geologia que reconstitui a história do globo terrestre), punham em evidência o caráter dialético da natureza, considera como unidade de um imenso todo que se desenvolve

segundo leis necessárias, gerando, sem cessar, novos aspectos, e sendo a espécie humana e as sociedades humanas um momento dessa universal transformação.

Marx e Engels concluíram que, para compreender essa realidade profundamente dialética, era preciso renunciar ao método metafísico, que quebra a unidade do mundo e susta-lhe o movimento; tornava-se necessário um método dialético, aquele método que Hegel recolocara em posição honrosa, sem descobrir, contudo, seus fundamentos objetivos.

O método dialético não foi, pois, formulado por Marx e Engels arbitrariamente. Eles o tiraram das próprias ciências, que, por sua vez, tem por campo de estudos a natureza objetiva que é a dialética.

É por isso que Marx e Engels, durante toda a vida, acompanharam de muito perto o progresso das ciências; o método dialético foi-se precisando a medida que o conhecimento do universo se tornava mais profundo. De acordo com Marx (que, de seu lado, dedicando-se a fundo à Economia Política, escrevia *O Capital*), Engels consagrou longos anos de minucioso estudo a filosofia e as ciências da natureza. Assim, escreveu (1877-78) o *Anti-Duhring* e começou a redação de vasta obra síntese, *Dialética da Natureza*, da qual deixou inúmeros capítulos; obra que se inspira nas ciências da época, notavelmente aclaradas pelo método dialético.

Essa fecundidade do método dialético devia conquistar, para o marxismo, em movimento cada vez mais amplo, grande número de cientistas, de todos os ramos do conhecimento. Na França, o grande físico Paul Langevin, tipo clássico de cientista, aderiu ao marxismo e foi também grande cidadão e admirável patriota.

Essa fecundidade do método dialético devia se demonstrado por Marx e Engels. Combatentes revolucionários, tanto quanto homens de pensamento, resolveram, por serem dialético, o problema que seus mais geniais predecessores não tinham sabido propor corretamente: aplicando a dialética materialista à história humana, *fundaram efetivamente ciência das sociedades* (que tem por teria geral o materialismo histórico). Veremos como se deu essa descoberta fundamental na decima quarta lição. Deram, desse modo, base científica ao socialismo.

Compreende-se, pois, que foi por interesse de classe que a burguesia declarou guerra à dialética. A dialética

...é um escândalo e uma abominação para as classes dirigentes e seus ideólogos doutrinários, porque, na concepção positiva das coisas existentes, ela inclui simultaneamente, a compreensão de sua negação fatal, de sua destruição necessária, porque, aprendendo a dialética o próprio movimento, do qual toda a forma acabada não é mais do que uma configuração transitória, nada se lhe poderia impor: *porque ela é essencialmente crítica e revolucionária*. [Marx, I, Livro I, T. I, pág. 29.]

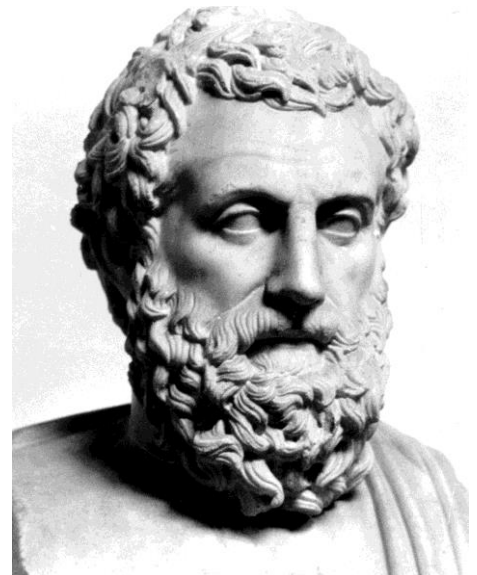
Teremos oportunidade de mostra que é por isso que a burguesia procura refúgio na metafísica.

IV. LOGICA FORMAL E MÉTODO DIALETICO

É útil completar esta primeira lição com algumas notas sobre a Logica.

Já vimos (ponto II, b) que as ciências, no seu início, não podiam empregar senão um método metafísico.

Generalizando esse método, os filósofos gregos (principalmente Aristóteles) formularam certo número de regras universais, que o pensamento devia seguir em todas as circunstancias, para evitar o erro. O conjunto dessas regras recebeu o nome de Lógica. A Logica tem por objeto o estudo dos princípios e regras que o pensamento deve seguir na pesquisa da verdade. Esses princípios e regras não derivam da fantasia. Originam-se do contrato permanente do homem com a natureza; foi a natureza que tornou o homem logico, que lhe ensinou que não pode fazer o que bem entenda.



Aristóteles

Eis as três principais regras da Logica tradicional, também da *Logica Formal*:

1. *O princípio de identidade*: uma coisa é idêntica a si mesma. Um vegetal é um vegetal, um animal é um animal; a vida é a vida, a morte é a morte. Os lógicos, pondo este princípio em formula, dizem: A é A

2. *O princípio de não-contradição*: uma coisa não pode ser, ao mesmo tempo, ela mesma e seu contrário. Um vegetal não é um animal; um animal não é um vegetal. A vida não é a morte; a morte não é a vida. Os lógicos dizem: A não é não-A.

3. *O princípio do terceiro excluído*: (ou exclusão do terceiro caso.) Entre suas possibilidades contraditórias não há lugar para uma terceira. Um ser é animal ou vegetal; não há lugar para uma terceira possibilidade. E preciso escolher entre a vida e a morte; não há um terceiro caso. Se A e não-A são contraditórios, determinada coisa é A ou não-A.

É válida esta lógica? Sim, porque representa a experiência acumulada por séculos e séculos. Porém, ela é insuficiente quando se pretende aprofundar a pesquisa. Voltando aos próprios exemplos dados, constatamos que há seres vivos que não podem ser classificados, rigorosamente, na categoria dos vegetais, ou na categoria dos animais, porque *são uma e outra coisa*. Do mesmo modo, não há vida absoluta, nem morte absoluta; todo ser vivo se renova a cada instante em luta contra a morte; toda morte leva consigo os elementos de uma nova vida. (a morte não é a abolição da vida, mas a decomposição de um organismo.) Válida dentro de certos limites, a Lógica Formal é insuficiente para penetrar nas profundezas da realidade. Querer que ela dê mais do que pode, é precisamente cair na *metafísica*. A Lógica tradicional, em si, não é falsa; mas, quando a aplicamos além de seus limites, ela engendra o erro.

É verdade que um animal não é um vegetal; é verdade, e continua sendo verdade, que é preciso, de conformidade com o princípio de não-contradição, evitar as confusões. A dialética não é a confusão. Mas, a dialética diz que é verdade, também, que o animal e o vegetal são dois aspectos inseparáveis da realidade, a tal ponto que certos seres são um e outro (unidade dos contrários).

A Lógica Formal, constituída nos primórdios das ciências, e suficiente para o uso corrente: permite classificar, distinguir. Quando, porém, queremos aprofundar a análise, ela já não pode bastar. Por que? Porque o real é movimento, e a lógica da identidade (A é A) não permite que as ideias expressem o real em seu movimento. Porque, por outro lado, esse movimento é o produto de contradições internas, como veremos na quinta lição; ora, a lógica da identidade não permite conceber a unidade dos contrários e a passagem de um para o outro.



www.averdade.org.br

A Logica Formal, em suma, não atinge senão o aspecto mais imediato da realidade. O método dialético vai mãos longe; ele tem por objetivo atingir todos os aspectos de um processo.

A aplicação do método dialético as leis do pensamento chamam-se *Logica Dialética*.